

ASCENSÃO E DECADÊNCIA DE UM ESCRITOR

RISE AND DECAY OF A WRITER

MARONA, Leonardo. *Cossacos gentis*. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2015.

Valdemar VALENTE JUNIOR¹

O lugar do poeta apresenta-se envolto em situações que destoam da expectativa dos que apenas veem o desenrolar de uma existência em que todos são iguais. A isso acrescenta-se sua condição de ser que não consegue distinguir a realidade daquilo que a imita, ou ainda, a diferença entre a vida e a literatura. O aprisionamento que condena as pessoas a repetições e condicionamentos tem no poeta alguém capaz de caminhar por entre as frestas do sistema, observando as disjunções que se aplicam à pessoa comum e à pessoa rara. Isso remete à história de Benito Milagres, acometido pela doença incurável que o faz despencar do topo de um mundo improvável rumo ao abismo das situações que não possuem limite. A esse personagem singular Leonardo Marona dedica quase duzentas páginas, em seu romance *Cossacos gentis*, enumerando os altos e baixos de quem não sabe o que representa cada um desses estágios. A sorte ou o azar, a vida ou a obra, o bem ou o mal significam etapas inerentes ao transcurso de uma viagem sem retorno. Por conta disso, a narrativa não possui uma diretriz, caminhando rumo ao inusitado de situações de sentido sempre incompleto.

O descompasso da condição de quem não consegue distinguir cada papel da existência faz de Benito Milagres alguém que se situa muito além da divisão de funções que separa o homem do poeta. Alguém para quem se perpetua a ideia de que nada se conclui, inerente aos que quase chegam, na medida em que chegar significa estar prestes a fazer o caminho de volta. Assim, situa-se o poeta como alguém para quem o percurso da vida apresenta-se como uma linha cujo fio da meada está longe de ser encontrado. Diante da missão da vida e da ilusão da morte, ao poeta cabe o lugar de quem embaralha esses termos, no sentido daquilo que se estende de modo contínuo, deixando a sensação

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. E-mail: valdemarvalente@gmail.com

de uma eternidade que povoa os dias de quem faz da poesia sua razão de existir. A perspectiva de quem escreve, portanto, concebe-se a partir de sensações que são parte integrante dos espíritos incomuns. A singularidade desse lugar tão próprio aos que, a exemplo de Benito Milagres, se sentem alheios ao que os cerca, concorre para que não se possa ter a dimensão das coisas como representação de uma materialidade que lhes foge das mãos.

Por isso, cair e levantar-se muito pouco representa, cabendo entender a ambição de que todos são vítimas, uma vez que não há uma linha limítrofe que delimite com exatidão o início e o fim do que se imagina ser a verdade. A despreensão a que as coisas parecem condenadas faz com que Benito Milagres perceba que os verdadeiros heróis não se vangloriam nem reclamam, resignados diante da obrigação de carregar o mundo nas costas. A aventura humana tende a esvaziar-se de seu significado, quando se percebe que à vitória se contrapõem as fraquezas mais banais, o que concorre para que se vivencie uma luta contínua, a partir dos malogros a que cada um acaba por amargar. Daí Benito Milagres ser alguém para quem a vida não difere de sua imitação, uma vez que não se faz possível a distinção entre o real e o verossímil. A glória do escritor premiado se contrapõe à trajetória de conflitos de uma carreira literária posta à prova pelas intempéries do inesperado. Benito Milagres protagoniza o papel incomum dos que não sabem o que significa dar certo, uma vez que as jornadas exitosas se mostram expostas aos azares que se impõem como partes de um quebra-cabeça a que se faz necessário juntar as peças.

A imagem de herói das letras faz de Benito Milagres alguém muito além da condição de quem escreve poesia, na medida em que a vida e a obra parecem ser a mesma coisa, não havendo como diferenciar os dois papéis entre os lugares que se multiplicam a cada instante. Esses lugares, por sua vez, apresentam-se a partir de concepções do que se faz precário como parte integrante da existência de quem não representa apenas seu papel, mas chega a confundir cada um deles, visando as distintas possibilidades de existir e se fazer notar. As instâncias de pertencimento de que se torna elemento significativo possuem um índice de variação que coloca o poeta em condições diferenciadas do que representa seu reconhecido espaço. Daí confundirem-se os termos de uma equação que não se resolve, uma vez que seus lados não se alteram. Fazer parte não significa comparecer, ficando a cargo de cada um o nível maior ou menor de comprometimento com o que se tem urgência em cumprir. Em nome da poesia as cenas se confundem e Benito Milagres obriga-se a representar diante de diferentes atores o que deseja

manifestar. Os cenários se conflitam, mas se faz preciso tomar parte de espetáculos em que a plateia se divide entre aplaudir ou apupar aquilo que agrada ou desagada.

Assim, os acontecimentos seguem-se como uma aventura, quando Benito Milagres passa à condição de personagem que encarna a sua própria lenda, como um cavalheiro errante a perseguir seus delírios. O prêmio da grande academia literária torna-se um termo acessório diante de quem parece condenado a não ter a menor noção do que as coisas representam. Os valores eleitos são convenções que deixam de fazer sentido, a partir da rapidez que as ações assumem como regra. A literatura, nesse contexto, funciona como um termo para o qual não há a hipótese de vir a se contrapor a realidade, na medida em que uma e outra compõem o mesmo sistema de erros e acertos para os quais não existem respostas convincentes. Viver constitui-se em ocupar espaços ao longo do tempo em que se contracenam com diferentes atores. Isso confirma-se na inabilidade de Benito Milagres em lidar com as distinções do que considera virem a ser as mesmas coisas. Daí decorre o fato da literatura converter-se em inutilidade, em exercício de retórica diante de um mundo para o qual não há qualquer parâmetro ou medida.

A vida é como uma sessão da tarde e Benito Milagres assemelha-se um personagem de filme de *cowboy*, oscilando entre a punição e a espera, a bonança e a desistência, numa sequência de alucinações e enfermidades que contribuem para que sua atuação se veja comprometida pela contingência de forças antagônicas que se potencializam como extensão de sua conduta. No entanto, cabe ao poeta refazer o ciclo das coisas, até que outro poeta possa dar conta dessa tarefa, configurando as imagens do que o mundo precisa para dar sentido à vida. Do mesmo modo, não há como se possa conter o tempo que faz envelhecer, e a poesia se despedaça em fragmentos como expressão de momentos que não se redefinem num único corpo, uma vez que as coisas se partem e espalham-se sem que se possa reunir seus pedaços. Isso acontece tanto com a poesia quanto com o poeta, violentado em seu corpo, que se dispersa da matéria, sendo a parte da carne que serve a Deus. Decorre disso não se fazer possível dispor de si mesmo, não sendo propriedade do homem o que lhe parece pertencer, diante de seu sentido terminal como um valor absoluto.

O corpo estropiado de Benito Milagres expressa a derrocada de quem volta a ser chamado pelo nome de Lindomar Espínola Júnior, como se essa mudança significasse um sentido inaugural à condição de vir a chegar ao fim. Assim, a perda e a passagem das coisas são prognósticos que não têm como dar errado, uma vez que ao poeta cabe decifrar

o indecifrável, no sentido de que a diferença entre a literatura e a morte desaparece para quem não tem a dimensão do que cada uma delas significa. A deformidade do mundo decorre do fato de que os escritores não conseguem dar conta do descompasso que os habita, no sentido do que representa o que querem dizer. A inexorabilidade do tempo induz à vertigem do que se mostra inevitável, cabendo ter algum talento para que se possa enfrentar a contingência da morte para a qual não há solução. Resta esperar pela ressurreição do que ficou soterrado pelo tempo, mas que se indispõe contra a paisagem desértica da morte como expressão silenciosa de tudo quanto fenece. Assim, Benito Milagres encarna a condição de quem não possui outro meio de situar-se na vida que não possa deixar de refletir seu descompasso diante do real.

A narrativa de Leonardo Marona embaralha os termos da linearidade que se espera de um ciclo ficcional. O lugar incômodo onde se situa Benito Milagres faz com que *Cossacos gentis* inviabilize a regra da narrativa pautada na coerência como anteparo da ficção. Desse modo, não há como acompanhar a trajetória do protagonista sem que a isso não se imponha uma observação que se altera seguidas vezes. Ao leitor cabe mudar de posição ou mesmo de opinião acerca do escopo narrativo, diante da ascensão e da queda com espaços de irresolução no âmbito do que a obra apresenta. Assim, os deslizos de que a narrativa se serve para evidenciar a desgraça e a glória de Benito Milagres evidenciam os desencontros que se constituem em sua razão de ser, não sendo possível fugir à condição de um mundo que tritura cada ser. Os diferentes ritmos que se impõem como marcas em *Cossacos gentis* servem para que se aprofunde sua condição de narrativa que chega ao final sem que se mostre a saída para as vicissitudes e conquistas de Benito Milagres, que de algum modo parecem ser a de cada um de nós.